



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Formosa 242-2.—PORTO

SUCURSAL EM LISBOA
Rua do Arco da Graça, 4-2.º

REDACTOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Mactel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)
Um mez \$05 (50 reis); Semestre \$30 (300 reis); Um ano \$60 (600 reis)
Para fora do país acresce o importe do selo.

Numero avulso \$01 (10 reis)
Comp. e Imp. na Tipografia Peninsular
Rua dos Mercadores, 171—PORTO—Telefone 73

OS RESPONSÁVEIS

Se dermos ouvidos aos que a si mesmos atribuíram um papel de educadores do povo, ninguém é responsável pela guerra. Sente-se que nesses charlatães da opinião pública há uma necessidade certa de se desculparem pessoalmente.

Os pastores e curas esfalfam-se a multiplicar as reuniões religiosas, afim de revigorar a fé de cristãos sinceros e abalados que a si próprios perguntam como é que Deus, na sua omnipotência e suprema bondade, pode permitir as espantosas hecatombes das Flandres e da Polónia. Pois bem, é muito simples; no dizer dos padres, Deus não meteu p'raí prego nem estopa—o que piamente acreditamos, pois nunca se obteve prova palpável e verificável da sua existência—mas o que é de uma bela casuística para os que tal existência admitem. Em suma, para salvar Deus, declaram-no irresponsável. Do mesmo modo, para salvar o cristianismo, um de cujos preceitos é «Não matares», invocam-se outros versículos bíblicos que recomendam a obediência ás leis governamentais, alegando-se desta sorte a irresponsabilidade da religião, pois o patriotismo exige que peguemos em armas e combatamos o estrangeiro. Maneira bem pouco elegante de uma pessoa se livrar de apertos.

Quanto aos políticos, os da social democracia declaram também que em nada contribuíram para a situação e que o partido socialista não tem responsabilidade na guerra. Atentado de Sarajevo, balbuciam eles, agressão das autoridades austríacas, perigo eslavo, ciúmes ingleses, ideas de desforra em França, tudo isso está fóra de nós. Contra isso nada podemos. Os socialistas são inocentes como pombas. A culpa é dos outros, é o erro do homem, é a natureza humana, é o poder.

Quanto aos governantes burgueses, estão mais brancos do que neve. Para os alemães, trata-se da perfidia dos ingleses, do apetite dos russos e do patriotismo francês. Para os aliados, é evidentemente o imperialismo dos pangermanistas. Põem cuidadosamente de lado as manobras das sociedades financeiras em Marrocos, em Trípoli, na China, nos Balcanes, passam como gato sobre brasas por cima da preparação para a guerra, assegurada há quarenta anos nos inúmeros quartéis da Europa, e berram que é a guerra de raças, provocada sómente pelo inimigo.

Em suma, a acreditar nos vários condutores da opinião pública, toda a gente é irresponsável. Vivemos num mundo de irresponsáveis—ou, por outra, num mundo de doidos.

Mas encaremos as coisas a sério.

Há vinte séculos que o cristianismo prega a fraternidade: os cristãos devem amar-se entre si, paguemos o mal com o bem, não resistamos á violência, tenhamos em mira unicamente o reino dos céus. Ora a acção do cristianismo foi nula para impedir a guerra. O cristianismo é, pois, méro verbalismo; é a falência total, decisiva, definitiva desse movimento que pretendia influir sobre os costumes e que não conseguiu produzir neles a mais leve mudança. Não tornemos a falar dessa verbosidade, que decididamente pertence ao passado.

Os sociais-democratas, em seus congressos internacionais, nunca quiseram discutir francamente a atitude que haviam de tomar em

caso de guerra. O mais que podiam era agrupar eleitores, cuja tarefa única é manejar um pedaço de papel durante cinco minutos, de quatro em quatro anos. Sentiam muito bem que nada tinham alterado verdadeiramente na mentalidade proletária, que não haviam absolutamente fundado um verdadeiro movimento socialista. Muito mais: receavam mais do que tudo cair a fundo contra o exército, visto precisarem dum exército para garantir as sanções do Estado que elles querem conquistar e cuja existência não pode ser assegurada sem uma força militarizada. Esses irresponsáveis eram indivíduos com segundos fins ou entrojões. São de facto perfeitamente responsáveis pela mentira da social-democracia, apresentada como um movimento de emancipação, quando é um movimento político, de aspirações governamentais, que não pode ser por um desarmamento integral.

Os dirigentes burgueses, claro está, já pelo facto de terem a gerência da colectividade, são responsáveis pelo que succede. É inadmissível que, depois de ter preparado a guerra armando os contribuintes até aos dentes, excitando-os, mandando-os guerrear nas colónias, intrigando para obter mercados, ainda venham alegar irresponsabilidade. Há nisso o máximo de canalhice, de que é preciso exigir-lhes contas uma vez por todas.

Não, irresponsáveis na guerra, quase o não há. Todos os que não lutaram enérgicamente contra o Capitalismo, o Estado e os armamentos, todos os que, passiva ou activamente, facilitaram a existência da finança, do poder e do exército, todos são responsáveis pelos frutos do Capitalismo, do Estado e dos armamentos guerreiros.

E para o futuro, será a mesma coisa. Se não querem mais guerras, tem que se opór á hegemonia do dinheiro, tem que se levantar contra a política de Estado, tem que ser antimilitaristas sem restricções. Só o anarquismo permite esse programa realmente anti-guerreiro.

B. T.

Coisas historicas

18 1894—Acusados de fazerem propaganda anarquista, são condenados no tribunal de Massa-Carrara (Itália) 90 camaradas.

19 1872—Fundase em Lisboa a «Fraternidade Operária».

20-1 1914—A policia lisbonense assalta a sede do sindicato ferro-viário e prende 200 grevistas.

21-1895—Em Ancona (Itália) são presos os redactores do semanario anarquista *L'agitazione*.

22-1794—É assassinado em Paris, Lepelletier que pr. pôs na Convenção a abolição da pena de morte e a completa liberdade de imprensa.

23-1869—Saí em Genebra (Suíça) o primeiro dum semanario com o titulo, *A Igualdade*. Até ao fim desse ano defendeu-se a idea anarquista; depois, com a mudança de redactores, ficou sendo órgão de Outine e outros politicos operários.

24-1914—Morre em Londres o grande astrónomo David Gill. Escreveu as seguintes obras: *Determinação do parataxe solar e da massa da lua; Fotografia das estrelas visíveis no Cabo; Relatório sobre a triangulação na Africa do Sul; várias memórias, etc., etc.*

Almanaque de Tierra y Libertad

Ao preço de \$20 (200 reis) cada exemplar já se encontra á venda este excelente almanaque, na Biblioteca *A Vida*.

Causas e efeitos

Se a guerra tem sempre e em toda a parte os mesmos efeitos, a culpa não é deste ou daquele povo (embora saibamos que um e outro são mestres na arte de matar), mas sim da própria guerra. Parece-me que é na essência mesma da guerra que reside o mal.

A pólvora e toda a vida guerreira parecem aturdir os homens, a ponto de já não saberem o que fazem. O homem terno e brando torna-se um tigre, uma hiena. A verdade é que só há um meio para extirpar o mal, como só há um meio para combater o alcoolismo, com o qual tem grande semelhança. Para combater o alcoolismo, é preciso não beber. É o único meio decisivo. Do mesmo modo só há um meio para matar o espírito guerreiro: não fazer guerras. Mas então, é preciso não dar os meios necessários á guerra e combater o militarismo em todas as suas consequências.

Detestais as atrocidades da guerra; mas, dizei-me cá, pode a guerra ser feita sem atrocidades? Quereis abjurar os males da guerra, os seus desastres; mas não é a guerra de per si o maior mal? Não é ela por si só um desastre? Mais uma vez: quem não quer as consequências, deve suprimir as causas. Sem isso nunca chegaremos a resultado algum.

É esta máxima tão simples, tão clara que é sempre esquecida. Quando a atmosfera está cheia de electricidade, as matérias eléctricas necessariamente se hão de descarregar, isto é, estala uma trovada. É o que se produz na atmosfera política: tem que se descarregar, não ha outro remédio e isso dá-se por meio da guerra.

O homem ou exército que mais inimigos (?) inutilizou, ferindo-os ou trucidando-os, será louvado como herói que bem mereceu da pátria.

Sejamos honestos e consequentes! Se inventei uma máquina, o meu desejo é que ela seja aplicada para ver se a prática é conforme á teoria. É uma verdade elemental que ninguém poderá negar.

Se inventei um engenho de destruição com o qual posso aniquilar um exército inteiro dumavez, devo desejar que apareça enjeño de aplicar esse engenho para verificar se são justos os meus cálculos, feitos com seriedade e extrema cautela. Devo, pois, desejar aplicar as minhas ideas, e como isso só em caso de guerra pode ser, devo desejar que estale a guerra.

Mais uma vez: é a maldição do sistema e não nos devemos admirar das suas consequências, enquanto elle existir.

Dantes, faziam as cidades guerra umas ás outras. Por fazerem parte do mesmo país, já hoje assim não succede. Depois, guerrearam-se as provincias—o que terminou, por elas formarem um todo.

Porque não há-de haver uma federação dos Estados europeus? Deixará então de haver motivos para se combaterem. Os Estados-Unidos da Europa são tam realizáveis como os Estados Unidos da America do Norte (1).

A República suíça mostra-nos o caminho. Embora muito diferentes, os cantões alemães, franceses e italianos, cada um com a sua língua própria, autónomo em si mesmo, não se combatem entre si e eu nunca ouvi uma só vez desejar, na Suíça, que esses cantões sejam anexados pelos países em que se fala a língua do cantão. Eis um sólido fundamento para um desenvolvimento pacífico.

Portanto abaixo o sistema de hoje! O militarismo é em toda a parte o mesmo, nenhum povo pode

cenurar outro, pois todos são igualmente culpados. Suprimai as causas e as consequências desaparecerão. É bem estranho que homens razoáveis não compreendam que não pode dar resultados uma luta contra os efeitos.

DOMELA NIEUWENHUIS

(1) Os Estados Unidos da Europa suprimiriam as guerras entre si, mas não as guerras, subsistindo as suas causas—o Capitalismo e o Estado. Seria mesmo duvidosa a supressão das guerras entre os Estados europeus. Precisamente nos Estados Unidos da America do Norte houve, de 1860 a 1865, a famosa guerra da Sucessão entre os Estados do Norte e os do Sul. Os primeiros, industriais, tinham interesse na abolição da escravatura, em atrair aos centros industriais os escravos libertos; os segundos, agricolas, de grandes latifúndios, empenhavam-se na manutenção do trabalho escravo, pois os salarios difficilmente ali seriam retidos sem grandes compensações, tanto mais que as terras não eram escassas nem caras. Guerra, pois de interesses capitalistas entre Estados da mesma União «federal».

Mas, admitida embora a supressão das guerras europeas entre-estadaes, restariam as guerras intercontinentaes, ainda mais vastas.

Em vez dos diversos imperialismos europeus—germânico, inglês, francês, russo, etc.—haveria um imperialismo europeu único, contra o imperialismo americano, contra o asiático e os outros que se fossem constituídos. Paneuropeismo, panamericanismo, etc., disputa feroz do mercado mundial; guerras coloniais; militarismo de terra e mar.

O remédio eficaz é a supressão do Capitalismo e dos Estados, substituídos pela livre federação dos grupos produtores. E nós devemos lutar pela realização deste programa integral, deixando ao liberalismo burguez o esforço por esses programas de transacção que o grosso da burguesia começa por combater e cuja realização, em momentos da história, custaria tantos sacrificios como outras conquistas mais substanciaes para o proletariado, mas aos quais por fim a burguesia se agarra inteligentemente para se salvar do naufrágio, quando rugue a tormenta revolucionária.

Naturalmente, Domela Nieuwenhuis assim pensa também, tendo querido apenas argumentar com exemplos frisantes contra o absurdo raciocínio dos que nos falam de guerras por patriotismo, incompatibilidades de raças e civilizações e outras baleas destinadas a encobrir as causas verdadeiras dos conflitos internacionais. Não vivem em paz os cantões suíços, de raças e línguas diferentes? Não constituem elles uma só «pátria»—no sentido artificial que os burgueses dão a esta palavra?—(Nota da Redacção)

O Internacionalismo não faliu

Há quarenta anos que os internacionalistas dizem ao povo: «Se deixais que os governos vos arruinem cada ano mais com armamentos insensatos, que constituem outras tantas ameaças aos vinhos, acabareis por vos ver um dia implicados numa guerra espantosa, que lançará uns contra os outros todos os povos da Europa.»

De há quarenta anos para cá tem os governos proclamado que querem a paz, sem contudo deixar de «preparar» a guerra, a ponto de a tornar um facto; e agora, entre os que contribuíram para produzir este resultado, há quem tenha o descaramento de nos vir dizer: «Bem vêdes que o internacionalismo é impossível, pois que os povos andam á tapona uns aos outros!»

Corja de patifes! É precisamente por via dos vossos enganos e tranquiñebrias que hoje os povos tem que se trucidar.

E quando em face da agressão germânica—pois não havia remédio senão haver um «gressor» e foi o que se julgava mais «preparado»—os socialistas e os revolucionários, submetendo-se á força dum estado de coisas (ciado, repetamo-lo, pelos que dos conflitos dos povos tiram riquezas e que nós sempre combatemos), consentiram em deixar-se armar para solução dum contenda que os traficantes da diplomacia, da política, da finança e de certas indústrias se esforçaram por impedir que fôsse pacificamente arranjado, servindo-se para isso, nos últimos quarenta anos, de todas as forças sociais a seu dispor,—esses traficantes reaccionários tem agora o desplante de proclamar a falência da solidariedade dos povos!

Esta guerra, que aos povos só poderá dar ruínas tais que serão necessárias muitas gerações para as reparar, misérias impossiveis de aliviar, constitui por si só a prova mais frisante de que só obterão a liberdade e o bem-estar renunciando para sempre aos insensatos armamentos, ás ideas de conquista. Hoje em dia, a guerra já não é uma industria proficua para os que a praticam. Só os fornecedores militares tiram dela lautos proventos. Só na paz podem os povos prosperar; mas é preciso querê-la e prepará-la.

Se os alemães agrediram a Bélgica e a França, é porque os

guerristas do seu país os embriagaram com mentiras e sofismas, levando-os a acreditar que a Europa se tinha coligado para obstar ao desenvolvimento deles, para os dominar e oprimir. Metendo lhes na mão a arma fraticida, a classe dominante teve o cuidado de lhes não pedir o consentimento. «Foi-lhes imposto pela força lançarem-se sobre os que lhes eram designados como seus inimigos, sem que tivessem sido consultados sobre as suas preferências.

Quantas vezes não foram os alemães representados pela imprensa nacionalista francesa como um rebanhão impellido a bater-se só á força de chibata e de revólver dos officiaes! Essa imprensa mentiu, como mente sempre que o exige a sua obra reaccionária.

Os alemães—ludibriados pelos seus amos, como tratam de nos ludibriar os nossos por meio da imprensa vendida—não precisam da chibata para combater. Mas não há dúvida que, se lhes tivessem permitido exprimir a sua opinião e agir livremente, não teriam certamente escolhido a guerra, mas a paz. Como três quartas partes dos franceses, elles sofreram os acontecimentos sentindo-se impotentes para lhes resistir. A seu pesar, lançava-os uns contra os outros um concurso de circunstâncias preparadas pelos inimigos da paz e do accordo internacional dos povos.

O erro de muitos dos nossos camaradas franceses foi quererem justificar a sua participação na guerra com uma pretensa defesa dos nossos direitos, da nossa liberdade, querere a estabelecer um confronto entre a situação presente e a de 1792 e decantarem-nos o «dop» de liberdade que elles diziam ter unido a Europa contra a Alemanha.

Isso é retórica mal aplicada. Em 1792, a França desembaraçara-se do regime arbitrário e absolutista da monarchia e abollira os últimos vestígios da servidão feudal; conquistara certas liberdades políticas; todos os cidadãos eram declarados iguais perante a lei; o povo obtivera a sua liberdade, ou pelo menos cuidava tê-la obtido, não lhe havendo ainda ensinado a experiencia que a liberdade e a igualdade políticas não passam de mentiras quando não acompanhadas pela igualdade económica. A

França revolucionária tinha contra si todas as forças reacção-árias da Europa; dentro e fora, era preciso lutar contra o espirito de reacção.

Hoje, defendemos uma liberdade que não temos; e a guerra sufocou a pouca que tínhamos. Hoje, arrastamos atrás de nós a nação menos liberal da Europa: a Rússia. Lutamos simplesmente contra a eventualidade duma opressão maior, de dobrada exploração.

Sofremos a guerra do mesmo modo que sofremos a opressão e exploração da moderna organização social, por não sermos bastantes para a derrubar, por permitir a ignorância dos explorados que os exploradores mantenham o seu domínio.

A existência da guerra de modo nenhum significa que a solidariedade não seria bastante mais profícua aos povos. A verificação dum mal prova a sua existência, mas não o justifica.

JEAN GRAVE

N. da R.—Este excelente artigo cheio de bom senso, foi tirado por Volonté de La Bataille Socialiste. Apesar da mudança do título, julgamos ser o mesmo que o camarada Czappek citava no artigo traduzido para o nosso número passado. Não vimos o n.º da B. S. de 16 de dezembro.

Entretanto, Grave faz aos intervencionistas importantes concessões noutros artigos, o que aliás torna este ainda mais significativo e insuspeito. Por outro lado, admitidos aqueles princípios, os argumentos de Grave emprega para justificar a intervenção dos anarquistas na guerra parecem-nos bem débéis e contraditórios. Discutit-os hamos directamente, e antes outros camaradas de cá nos não proporcionarem ensejo para tal exame.

Recortes e retoques

Eleições

Com este título, escreve o Mundo, em fundo:

Está aberto o período eleitoral, visto que foi publicado o decreto que marcou o dia das eleições. Chegou, portanto, a ocasião de os partidos afirmarem a sua existência e de o país se preparar para pronunciar o seu veredicto. As eleições da Constituinte tiveram um caracter especial, visto que não havia então lutas de partidos. As que vão realizar-se são as primeiras eleições gerais em que vão chocar-se os partidos constituídos ou a constituir dentro da República. Elas terão, por isso mesmo, um especial significado, como afirmação que hão de ter das tendencias e sentimentos do povo português.

A cantiga do órgão officioso do actual governo, é bordão estafado pelo uso que d'elle tem feito todos os partidos quando em mar brumoso guiam a nau da governação. E' o velho chavão da teoria eleitoral dos pregoeiros do poder. A pratica, porém, é diametralmente oposta: vence quem dispõe do mando e da força.

Oh! Os sentimentos e as tendencias do povo português... postas á prova por meio da burla eleitoral, no libre exercicio do direito (!) do voto...

Oh! A afirmação da consciencia individual perante a urnal... Que irrisão!

De quem é o mal?

A Vanguarda, assim escrevia um destes dias:

Verdade seja que espremeu a bolsa da burguesia, mas nem por isso aliviou a bolsa do proletario.

H'je, como ontem, o povo não viu a menor parcella de melhoria: nem melhorará por effeito da administração e das medidas do fomento dos homens do presente regimen.

Não fazemos accusações por mero prazer de acusar. Os factos falam bem alto.

O diário socialista diz que se espremeu a bolsa do burguês e não se melhorou a do operário.

Lá que qualquer cotidiario reacionario se fizesse eco de semelhantes Jeremiadas, ainda vá; mas que um diário socialista se deixe levar na corrente das mesmas idéas, é extranhavel.

Nós sempre nos temos esforcado por demonstrar que sob o ponto de vista económico, que é, tambem, o que deve interessar o proletariado, monarchia e republica equivaliam-se: quer num quer noutro regimen, a exploração dos muitos pelos poucos é um facto iniludível e insofismavel.

Como queria, pois, o colega que se espremesse a burguezia, sem se lezar o proletariado, antes melhorando-lhe a situação?

Para nós é ponto assente, e é

este o conceito libertário, que quem tudo paga é o povo produtor, embora indirectamente; e dado o caso do governo sobrecarregar a burguesia com novos impostos quem, afinal, os paga, é o povo trabalhador que d'ela está dependente.

O mal está no sistema social imperante, e não nesta ou naquella forma de governo, neste ou naquella regimen.

No mesmo tom

São do mesmo periodico estas injénuas palavras:

A monarchia legou-nos uma administração nada invejavel.

Mas a administração republicana não melhorou.

E' bem certo que as grandes empresas levam anos a constituirem-se; mas em quatro annos, quantos são os do regimen republicano em Portugal, a administração publica podia ter melhorado.

Mas não.

O colega parece esquecer-se de que na administração da coisa pública subsiste a engrenagem do velho regimen, mais correcta e aumentada, isto é, maior numero de cetaceos com estomago algo mais dilatado. Seja, porém, tudo em recompensa do acendrado amor á patria que a cada instante apreçoam.

Bárbaros

Lia-se ha dias no Camalião:

Ida Teixeira Gomes, rua dos Sete Castelos, J. P. escav.º ao Alto do Pina, mulher de um individuo que está preso, residia ali ha tres meses, com tres filhos, o mais velho de tres annos e meio e o mais novo de dez meses. Como ficasse a dever ao senhorio 75 centavos da renda do mez passado, foi ontem de manhã posta na rua pelo juiz de paz, com os miseraveis taracos.

O mesmo succedeu a Filomena Amélia, inquilina do mesmo predio, com o marido doente e sem trabalho e com quatro filhos menores. As duas desgraçadas, que não tem onde acolher-se, viram referir-nos a sua triste historia, para que a apresentemos á consideração dos leitores compadecidos.

E a cada momento, os filhos da rua, rapasões mal vestidos e raquíticos, busiam-nos aos ouvidos: «O ha a lei contra os senhores!» «Quem quer a lei de protecção aos inquilinos!»

E apregoam qualquer coisa ligada no consulado da cordealidade.

E ha quem defenda a efficacia da legislação, como se a lei não fosse sistematicamente applicada em beneficio do rico e detrimento do pobre.

Mais um heroi

O tio Manuel do Calharis, politico de largas vistas no partido dos intellectuais, lacrimejava crocodilamente, ha dias, na sua querida, e estremeçada Luta, a propósito da participação de Portugal no actual conflicto:

A primeira vez que fomos ao Ministerio da Guerra, depois da sessão parlamentar de seis de agosto, foi para dizermos a s. ex.º o ministro que dispozesse de nós, aproveitando os nos. os serviços onde lhe parecesse que eles seriam melhormente aproveitados. Como o offerecimento era a serio, não veio no réclamo dos jornais. Sibiam isto os heróis de lingua, talvez em casa del'...

E' a todos os titulos respeitavel o gesto desinteressado e patriótico do sr. Camacho, e mais nobre ainda se torna a attitude de sua ex.ª em querer antecipar-se á expedição que deveria marchar para os campos da batalha na Europa, para de lá enviar algumas preciosas indicações.

Quando tanto se pede guerra, quando tanto se exalta a guerra, quando despresar o offerecimento daquêlle vulto politico que tanto se tem salientado na politica portuguesa?

O sr. Camacho e o sr. Alpoim, fazem honra a qualquer pais; e a expedição de que elles fizessem parte orgulhar-se-ia de os contar no seu effectivo.

Sempre era uma honra.

Atiradoras

Noticiaram os jornais que em Italia, umas tres mil mulheres, pertencentes á cruz vermelha, se inscreveram nas carreiras de tiro a adestrar-se no manejo das armas, vista a possibilidade da Italia participar na guerra europêa. Enquanto isto se dá em Italia, em Inglaterra dezo milhares de mulheres protestaram contra a guerra, indo em manifestação ás embaixadas da triple-entente e ao ministerio dos estrangeiros.

Em Portugal o caso muda de figura: para ir para a guerra offerecem-se voluntariamente o sr. Granjo, o sr. Camacho, o sr. Al-

poim e poucos mais humildes filhos do povo.

Em recompensa ha heróis de lingua, talvez em casas de...

O resto sabe-o o sr. Camacho; mas como elle não o diz, nós imitamo-lo.

E que lhes parece as damas da cruz vermelha a atirar ao alvo?!

Fome

Da Plebe, de Valença, recortámos:

«Uma das proximas consequências da guerra é a fome; e ella, com todo o seu sinistro cortejo, já entrou em Portugal, e ameaça transpor principalmente as portas do proletariado.»

A subida sempre crescente dos generos de primeira necessidade ameaça cruelmente todos os desprotegidos da fortuna, todos os que procuram na labuta martirizante do seu trabalho cotidiario, o pão para os seus filhos.

Atentas as circumstancias, alias difficéis, da vida domestica do nosso povo, que, na sua grande maioria, já antes do horrivel flagello da guerra, vivia uma vida cheia de privações, cumpre ao governo procurar saber, a rigor, qual a causa de tal subida, e pôr termo á ambição desmesurada e retinamente desumana de meia duzia de creaturas, que, para enriquecerem de repente, não se importam que os seus semelhantes morram de fome.

Não se preocupe o colega a implorar do governo medidas contra os açambarcamentos dos generos de primeira necessidade. A accentuada improficuidade das medidas legislativas, é sobejamente conhecida para que acreditemos em semelhantes panacéas.

Os gananciosos crisófilos terão mil maneiras de sofismar toda e qualquer medida governativa que aos lesados pareça de seguros effectos.

Eles são tartufos, demasiadamente hypocritas, para que tenham qualquer penalidade.

E' contudo tristissimo que estando a fome com todas as suas consequências a alastrar-se pelo país, se constituam patrioticas commissões e se abram nos diários subscrições para angariar donativos para o cigarro do soldado: alimenta-se o vicio do militar esquecendo-se a sua própria familia a braços com a mais cruenta miseria, ao abandono e sem recursos de especie alguma.

Mildita realidade!

A Plebe

Este semanário independente, que se publica em Valença, acaba de ser chamado aos tribunais por frases contidas no elogio fúnebre do seu ex-director politico. Pelo que lemos no ultimo numero a querrela veio subscriptada do Ministerio da Justiça ainda no tempo da cordealidade triunfante, devido a, nesse artigo, se fustigar acremamente algum que ao flecido jesusiticamente vinha movendo acintosa e implacável perseguição.

São de simples permuta as relações que mantemos com A Plebe; mas esse facto é mais que sufficiente para que aqui vinculemos o nosso veemente protesto pela violencia de que acaba de ser victima aquêlle semanário com quem não temos afinidades de qualquer especie.

Partidários da máxima liberdade de pensamento, estaremos sempre, quer como homens, quer como anarquistas, em opposição á ferrea patá dos que pela força querem esmagar todos os que não estão de acôrdo com os seus actos nem com as suas idéas.

Aqui deixamos, por este meio, patenteado o nosso mais alto protesto contra a violencia; e aos redactores da Plebe consignamos a solidariedade moral a que, por espirito de camaradagem jornalística, tem direito.

GRALHAS

Entre as do número passado — que o leitor intelligente e benévolo terá, etc., etc. — matemos duas que sujarão a bela carta de Pierre Monatte.

Na 4.ª columna da 1.ª página, em vez de «como e por que foi combatida?», leia-se: Como e por quem foi combatida?

Na 1.ª columna da 2.ª página, foi transformada numa afirmação a seguinte frase negativa: «Ainda não pôde estabelecer-se de modo claro e conciso que o governo francês fez todo o possível para salvar a guarda a paz durante a última semana de julho.»

Tempo de eleições

Quase toda a gente me supunha p'rdido, loage, nas divagações do divertimento, fugido aos meus deveres de escritor humilde, ou a ares na Suíça, apesar do tempo que nos gela, combatido por uma doença terrivel, que me fizesse sofrer imensamente, não só com as suas pontadas portegudas como o penacho do barrete de um alemão, mas tambem com a previsão tétrica da morte que se me avizinava. Outros, dando largas á sua fantasia, julgavam-me na guerra, voluntariamente, ao lado dos aliados! Ora com franqueza, esta idea é a pior das ideas. Eu na guerra! Summe-tel Eu não servia para a guerra; primeiro, porque não tenho habilidade para esartejar corpos, como o magaréle para rasgar bois; segundo, porque tenho medo, e com este predicado só servia para espalhar a confusão nos exercitos...

Todo o mundo errou; nem estava fugido aos meus deveres, nem estava na Suíça, nem estava na guerra. Estava a retemperar-me um pouco das fadigas intellectuais, porque as físicas essas — santo deus — só se fôr quando estiver no caixão e entre flores, porque substituo as velinhas bentas pelas flores aromáticas, embora nessa occasião já não tenha olfacto.

O ruido das eleições, a azafama dos candidatos a deputados, as conferencias, as viagens proximas a esta e áquella terra, como o charlatão de feira a impingir a pilula doirada, os preparativos dos correccionarios para receberem os seus amantes chefes nos braços, o ensaio dos discursos metidos na tola de suzes excellencias e os exercicios feitos apressadamente para um jogo de púpito politico, tudo isso faz-me largar o de-scânço e correr pressuroso, mais pressuroso que um patriota corre a salvar a patria, ao meu posto, que chorava pela minha ausencia, com a nostalgica saudade! E só agora, reconsiderando, é que me lembro de que estive quase tres mezes sem escrever! O tempo foge como o fumo entre as mãos. Mas acabou-se. Todo o munco politico grita: Eleições! eleições! como o mundo politico: Paes! paes! E para que servem afinal de contas as eleições? Ora adeus! para saciar vaidades, para se conquistar, com a ajuda das chapeladas, uma maior duradoura ao governo, e, sobretudo, desviar as atenções dos desempregados. Apresenta-se um programa pomposo, uma disposição de tudo reformar, de fazer entrar tudo na ordem, de transformar o impossivel no possivel, e burilar a sociedade nos eixos do equilibrio, apesar da guerra que nos ameaça exterminar.

O povo estúpido, metido entre as rufas do industrial e do commerciante, acredita e diz: «Agora, agora é que é occasião de fazer valer os nossos direitos; vai fazer a nossa voz, a voz da justiça», tal qual o pregão do palhaço que eu via em pequeno no S. Lázaro, num dos barracões expostos ao publico: «E' entrar, é entrar: quem não tiver cabeça não paga nada». Porque a verdade é esta: o povo faz uma figura de palhaço; e não sou eu que o digo, é o proprio politico que o come. Por este mesmo motivo, é que o povo que sofre, que tem o seu fogão apagado, que tem o seu lar na miseria, que anda pelas ruas a esmlbar, que rebenta de fome, que se sujeita a sópas economicas choradamente dadas, que é acutilado quando protesta contra a carestia propositada da vida, contra o açambarcamento dos generos, contra as desculpas apresentadas pelos commerciantes, como a do meu carvoeiro, que disse: «subir ao preço do carvão por se ter afundado em Angejas um vapor carregado dele — por este motivo», dizia, o povo devia ter juizo, muito juizo, porque não é, na idade, nenhuma creança. Deve ter em vista que o que vai eleger como seu representante, como seu amigo, como seu defensor é justamente aquelle que lhe arranca a pele, com ferocidade de abutre e com hipocrisia de l'quisidor: — é o industrial que depois de largos annos se ter enriquecido á sua custa, se recusa a um sacrificiozinho, — quando tu, tanto, tantos lhe fizeste — fechando-te na cara ás portas da fabrica, da officina nesta hora de tristes eventualidades! E' o commerciante que não se preocupando com a falta de trabalho nem

com a tua miseria, aumenta, com o consentimento das autoridades o preço ás coisas, dizendo não possuir, embora as tenha bem guardadas, bem escondidas, porque o segredo é alma do negocio.

Ai tens tu, povo, o que te digo, na minha innocencia, porque eu não te quero mal; o que queria é que fosses alguem e que desses mostras de que já não és quem eras, e que boas noites, passe por lá muito bem, apresentando aos politicos as armas de S. Francisco, como as bruxas as figas ao diabo.

Se não quizeres, tanto pior para ti; eu tenho de sofrer as consequências das tuas asneiras.

Clemente Vieira dos Santos.

A degradação das guerras

Porque que é que se faz a guerra? Porque é que os homens se aniquilam com uma ferocidade selvagem, e com uma estupidez de barbaros destroem cidades, entram progressos, apagam civilizações? Porque é que eles gastam a maior parte da vida, senão ás vezes a vida inteira, cogitando mil formas, combinações e elementos, destinados a mergulhar os seus semelhantes em mares de sangue, espalhando terrores, misérias, lutos, desolações? A tremenda conflagração em que neste momento a Europa faz ouvir o «infornal retim-tim, do embate de armas», e os receios e incertezas que no mundo inteiro estão inquietando os espiritos, tem sido explicados de mil formas e justificadas com mil razões, mas parece que a razão que a todas sobreleva é a da necessidade que têm os paizes em luta de defender a sua expansão commercial, a colocação dos seus artefactos, a troca dos seus productos, o movimento dos seus navios. Ainda não ha muito que se levantou um conflicto diplomatico entre dois dos maiores paizes do mundo: a Inglaterra e os Estados Unidos. Chegou mesmo a espalhar-se a noticia prodigiosamente monstruosa de que os Estados Unidos entrariam na guerra, tomando o partido dos alemães contra a Gran Bretanha e os aliados.

A noticia está neste momento desmentida, mas as discussões de chancelaria continuam e deus sabe como terminarão. O que foi que determinou esse azedume perigoso entre os dois colossos? Apenas o descontentamento de especuladores commerciantes dos Estados Unidos, que queriam livremente engrandecer o seu commercio, e especialmente com uma parte dos paizes em lita, embora em circumstancias de prejudicar a outra parte.

Mas então é verdade que se fundem canhões, inventam explosivos, arrazam monumentos, e matam homens para que alguns traficantes possam fazer o seu negocio? E' certo que se impõe á nossa casa, á nossa familia, aos nossos haveres, á paz do nosso espirito, inquietações, ruina, sofrimento, para que o nosso mercieiro possa tranquilamente elevar-nos o preço das subsistencias, para que o bacalhosoiro nos imponha a podridão do seu bacalhau, e o mercador nos obrigue ao consumo da sua farrapada por um valor que ella não tem? E' para esta miseria e degradação prosa que se enche a Historia de heróis, Nelson, Nex, Garibaldi, Kléber, Napoleão? E' certo que Joffre, French, Bulow, estão ao serviço dum bacão de lojista? E' porventura isto defender uma patria?

Não! nós não podemos, nós não devemos confundir, e no entanto isto é rigorosamente exacto. Esses bomens de bronze montados em cavalos de bronze e com gestos de bronze, que na praça publica glorificamos e abicravam em nós os seus olhares tambem de bronze, não foram senão bull-dogs ao serviço de mercantes. Foi de conta destes que eles devastaram, feriram, assolaram, deixando atraz de si o pavor e a morte! Devemos apeal-os? Tambem não. Para nós a vingança basta considerar que os cavalos em que figuram são tanto maiores quanto eles são mesquinhos, e que em vida só puderam ser grandes pelo muito que deveram aos quadrúpedes seus companheiros.

GUDES DE OLIVEIRA (D'O Primeiro de Janeiro de 20-1-913)